

Irmãos de Jesus Bom Pastor

Pastorinhas



Itinerário da Lectio Divina
em preparação ao Seminário
sobre o ministério de cura pastoral

FICHA 1

imagem da capa:

Jesus Bom Pastor com o seu povo (particular)

Autor: Pjerin Sheldija

Lugar: Igreja de Krajn - Albania

“Esquecendo-me do passado, avanço para frente” (Fil 3,4-14)

1. O contexto

O texto da Palavra faz parte de uma carta que o Apóstolo dirige à Comunidade de Filipos, numa circunstância particularmente dolorosa. Paulo, de fato, encontra-se no cárcere (Fil 1,13) e contemporaneamente deve suportar dificuldades e contestações por parte de um grupo de judaizantes que vêem a sua prisão como um bem (Fil 1,15), impulsionados pelo espírito polêmico e de rivalidade. O Apóstolo, mesmo vivendo tudo isso com grande amargura, não lhe causa dor porque o Evangelho é anunciado, também se não é por nobres motivos.

O nosso texto, na introdução, recebe influência desta atmosfera de tensão e polêmica. Paulo reivindica com força e determinação que os verdadeiros circuncisos são aqueles que prestam culto movidos pelo Espírito de Deus ao contrário daqueles que ainda põem a sua confiança na carne (Fil 3,1-4). O texto é claramente autobiográfico na certeza de que o Evangelho que anuncia é antes de tudo a consequência da sua experiência de fé que nasce do encontro com Cristo no caminho de Damasco.

2. O texto

vv. 4b-6: Paulo inicia esta reflexão partindo de sua vida religiosa que se apresenta irrepreensível sob o perfil da piedade judaica. Os títulos que ele recorda, de fato, testemunham que ninguém pode contestar a impureza e a integridade de uma vida que, antes do encontro com Cristo era exemplar, seja pelo nascimento, seja pela opção pessoal. O elenco de todos os privilégios dos quais se pode orgulhar é constituído de sete prerrogativas, três das quais são de nascimento: da estirpe de Israel, da tribo de Benjamim e circunciso ao oitavo dia segundo a Lei; as outras quatro são, ao invés, consequência de escolhas pessoais: aderiu ao farisaísmo, zeloso perseguidor contra os

heréticos cristãos e por fim irrepreensível quanto a observância da Lei. Portanto, um modelo de piedade, de devoção e de zelo. Em outras palavras, não lhe faltava nada para poder enfrentar as críticas e contestações que da parte da comunidade lhe era dirigida.

vv. 7-11: Essa sessão inicia com uma grande reviravolta. Cristo mudou tudo. No encontro com Cristo Paulo pode julgar o próprio judaísmo uma perda. Com vocabulário comercial, o apóstolo não tem nenhum impedimento no avaliar o desastroso investimento: perda e lixo (literalmente “esterco”). É interessante o uso do tempo verbal “considero/retenho”, no v. 7 (considerarei), tempo perfeito. É clara a relação: o que aconteceu naquele encontro determinou uma mudança radical e profunda, cujos efeitos perduram estavelmente no presente.

Esta “desvalorização” do seu passado é intimamente ligada à percepção real da “sublimidade do conhecimento de Cristo”. É do confronto entre a “nobreza” do seu passado e a “riqueza” do seu presente que Paulo, agora, afirma que tudo é perda e lixo. O conhecimento de Cristo do qual fala, se identifica com comunhão com Ele. Não se trata, evidentemente, de apreender de alguma noção a mais sobre Ele, mas experiência de Cristo: “para mim, viver é Cristo e morrer é um ganho” (Fil 1,21).

A reviravolta que o encontro produziu, Paulo a descreve como renúncia para conseguir a justiça, através do cumprimento das obras da Lei a fim de acolher gratuitamente aquela que deriva da fé em Cristo Jesus. Pode-se dizer que o salto consistiu no abandono da observância da Lei para obedecer a Cristo: da observância à obediência. Neste contexto é muito importante o adjetivo possessivo “meu” Senhor (v.8). A verdadeira “conversão”, é de fato passagem do considerar Jesus Cristo o Senhor a de confessa-Lo como o “meu” Senhor. Paulo agora afirma com extrema clareza que só o Ressuscitado ilumina, guia, plasma e orienta o seu presente e o seu futuro.

O conhecimento de Cristo torna-se desejo de ser semelhante a ele (vv. 10-11). É a prova de que, para Paulo o encontro

proporcionou uma autêntica experiência de salvação que agora se exprime no desejo de se viver como Ele e Nele: conhecer o poder da sua ressurreição que significa, de fato, partilhar do seu sofrimento. A Páscoa de Cristo torna-se agora o conteúdo e a forma de sua existência. Deve ser claro que Paulo não se impõe esse projeto, mas deseja profundamente que se cumpra nele o que o Senhor lhe doou. Não estamos na área de uma decisão ética, por quanto possa ser importante, mas estamos num contexto de uma relação vital que provoca e suscita um desejo intenso de conformidade. O homem que se sente salvo e amado aspira viver como aquele que o salvou.

vv. 12-14: Paulo agora fixa o olhar à frente. Ele está ciente que o seu caminho de fé está inserido num dinamismo que o impulsiona a caminhar aliás, a correr para “conquistar Cristo.” Se é verdade que Cristo o agarrou ele está ciente de não tê-Lo ainda agarrado plenamente. Há ainda um percurso a ser feito. A vida do Apóstolo não repousa segura na memória de um passado, mas na memória do encontro que o impulsiona a continuar buscando. A experiência de salvação que se identifica com a vocação recebida, pressupõe o esforço e o empenho do atleta que iniciou bem sua corrida mas que ainda não alcançou a meta. Nem o seu passado, porquanto grave e longe de Cristo, pode constituir um impedimento nesta maratona. Em outros contextos Paulo advertirá a exigência de “tratar duramente o seu corpo” e de “arrastá-lo na escravidão (1Cor 9,27) a fim de que não aconteça que depois de tanto evangelizar seja ele mesmo desqualificado. Somente no fim de sua vida ele poderá confiar ao seu discípulo Timóteo: “combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé”(2Tm 4,7)

3. Atualização

O Apóstolo São Paulo está atravessando um momento difícil de sua missão apostólica. As suas fadigas com as contestações sempre mais violentas ao seu ministério criaram uma atmosfera pesada, difícil e também de solidão. Neste contexto, onde seria fácil talvez, até plausível, voltar-se sobre si mesmo, o apóstolo faz memória daquele dia em que uma luz intensa de Cristo que veio romper a densa escuridão na qual ele pensava de estar servindo a vontade de Deus, perseguindo os cristãos. Não existe escuridão maior daquela de quem acredita servir a Deus enquanto na realidade está sendo de obstáculo ou até mesmo combatendo-O.

A memória daquele encontro torna-se agora, no cárcere, a ocasião para uma reflexão sobre o seu chamado e sobre o significado do seu ministério.

A condição de Paulo sugere também a nós uma modalidade eficaz para enfrentar as dificuldades e às vezes a oposição em que encontramos no acompanhar irmãos e irmãs ao encontro com Cristo. A caridade pastoral pressupõe que o apóstolo seja capaz, nos momentos cruciais do seu apostolado, de recordar as etapas relevantes do próprio chamado, fazer memória que também ele fez a experiência de um encontro onde o Senhor se tornou o “seu” Senhor. Descobriu o tesouro e, “cheio de alegria” vendeu tudo para comprar aquele campo, encontrou finalmente a pérola preciosa (cfr. Mt 13,44-46). Naquele momento compreendeu que o encontro com Cristo não era mais compatível com a sua vida passada, os próprios dons tornam-se opacos diante do Dom por excelência que è Cristo.

O apostolado pode induzir a pensar que a Palavra seja antes de tudo para os outros, enquanto que na realidade se pode ser sinal eficaz somente e na medida em que nos recordamos que somos discípulos que iniciaram uma corrida, mas que ainda não chegaram ao fim. Frequentemente a auto-suficiência faz com que o nosso ministério se torne estéril, como que fosse possível viver de rendimentos na amizade com Cristo. O apóstolo ciente do

dom recebido, deseja o cumprimento daquilo que o Senhor iniciou. A meta é tornar-se “conforme a Cristo”, alias, é o seu desejo. Gera-se à fé na medida em que a nossa vida é participação à Páscoa de Cristo. Só então se poderá desejar uma renovação das nossas modalidades de transmissão e acompanhamento espiritual: a boca fala da abundância do coração (cfr. Mt 12,34). A relação vital com Cristo requer cura e solicitude. Paulo fala “de corrida”, e isto significa que é um dinamismo de crescimento que necessita ser favorecido e um esforço que deve ser incentivado. Seguidamente a intuição inicial do nosso ministério permanece “inicial” e somos incapazes de rever aquele dom, tornando-nos vítimas do nosso projeto ou da tarefa que nos reservamos ao interno da Instituição.

As reflexões de Paulo nos interpelam, são provocações dirigidas a quem muitas vezes, por razões também nobres, de ministério e missão, corre o perigo de deixar-se envolver pela multiplicidade de solicitações, esquecendo “o primeiro amor”(cfr. Ap 2,4).

Peçamos ao Senhor na oração de fazer memória daquele dia em que tudo se iniciou; imploramos d’Ele o dom de poder renovar a nossa amizade e que nada – passado ou presente – obstacule a nossa corrida.

Em Oração com a Palavra

- 1- Peço ao senhor a graça de fazer memória daquele dia em que tudo teve o seu início para reavivar em mim, a força e o gosto do encontro com **Ele**.
- 2- À luz dessa memória me pergunto: qual solicitude e atenção dedico hoje, á minha relação com Cristo a fim de que cresça e se desenvolva a minha plena identificação com Ele (corrida de Paulo que se lança para frente).
- 3- Existe uma modalidade eficaz que o Apóstolo Paulo indica para enfrentar os momentos difíceis da vida a fim de que se tornem para mim ocasião de reflexão sobre o sentido da

minha vocação e do ministério pastoral que estou desenvolvendo. Qual?

- 4- Qual a condição para uma renovação das nossas atuais modalidades de transmissão da fé e do acompanhamento espiritual do povo de Deus a nos confiado?

Escrevo os pensamentos e os sentimentos que a oração da Palavra suscitou em mim para não esquecê-los e partilhá-los com as Irmãs.

N.B. O que vivi na oração e que tomei nota, posso enviar diretamente à superiora geral para contribuir na preparação do Seminário sobre o nosso ministério de cura pastoral.

Partilha na comunidade.

- 1- Invocar o Espírito Santo
- 2- Reler juntas o texto da Palavra meditada
- 3- Partilhar o que cada uma colheu na oração pessoal
- 4- Permanecer em silêncio para saborear o gosto daquilo que cada uma partilhou.
- 5- Agradecer pelo dom recebido

Se a comunidade quiser contribuir na reflexão sobre o ministério de cura pastoral, uma Irmã toma nota dos elementos essenciais da partilha para enviá-los a sede provincial que recolherá o material em vista do Seminário e o enviará ao governo geral.

Roma, casa geral
Outubro de 2007